

Maria de Lourdes Pintasilgo

RTP - 1

"em questão"

● «Pessoa imprevisível não enfeudada a qualquer «ismo»

Limitada à partida por uns escassos cem dias para governar. No caso de o seu Programa e a sua equipa, após nomeação presidencial, passar na Assembleia da República, Maria de Lourdes Pintasilgo vai-se revelando nos seus carismas, a que não são estranhos, como ontem à noite patenteou no programa da RTP-1, «Em questão», em diálogo franco e delicado com Maria Elisa, a quem, repetidamente, invocou o seu próprio nome, os dotes de descontração e simpatia que o sorriso constante torna cativantes.

Não enfeudada, deliberadamente, a qualquer formação partidária, embora senhora de convicções pessoais muito enraizadas, estranhas que certas áreas partidárias nem sequer lhe concedam aquilo que seria normal numa sociedade democrática, ou seja, o benefício da dúvida: não condenar o réu sem o ouvir, respondendo assim às críticas que lhe foram apresentadas por Angelo Correia (PSD) e Basílio Horta (CDS), ontem lembradas naquele programa televisivo.

Quanto à sua alegria, mesmo depois de ter sido indigitada para primeiro-ministro, Lurdes Pintasilgo debitou-a na conta-corrente da atitude típica da mulher portuguesa que não é sisuda, antes tenta encantar com um sorriso as dificuldades com que se depara na vida, como ela o faz reletivamente à tarefa que lhe está cometida e que enfrenta, como referiu, com confiança e entusiasmo, convicta como está de que é possível fazer qualquer coisa, embora não esteja menos convencida dos limites não só do tempo de que disporá, mas também dos limites da acção e condições que deram origem ao novo Governo que não será controlado pela Assembleia da República, mas apenas pelo presidente da República.

Quanto ao eventual «chumbo» do Programa do seu Governo, proximamente no Parlamento, Maria de Lourdes Pintasilgo afirmou que esse seria o seu primeiro «chumbo», acrescentando que nunca é tarde para começar.

Interrogada por Maria Elisa quanto às hipóteses de mudança da sociedade portuguesa em tempo tão breve, a entrevistada respondeu que só não pensa em mudar a sociedade

de imediato quem não tem perspectivas de mudança imediata, baseadas no desejo de melhoria de condições em que nos encontramos e vivemos, o que significa que ela as tem e, como disse, decorrem da sua conduta de vida, ainda que a acusem de utopia ou de romantismo. Entende que o realismo está em se olhar longe e realizar o que é possível.

Relativamente a uma eventual alteração das estruturas do Governo, respondeu que não se dará quanto à estrutura, mas sim quanto à forma de funcionamento, talvez ao nível de subestrutura, isto é, na base daquilo que permita o pragmatismo e o rigor das tarefas.

Lurdes Pintasilgo referiu, no entanto, que ainda não tem pensado quaisquer postos a eliminar, o que poderá acontecer à medida que se forem definindo as linhas do Programa do seu Governo, e que corresponderá, por certo, a necessidade de adaptar as estruturas à vida e não esta àquelas, a fim de que sirvam as tarefas a desempenhar.

O facto, lembrado por Maria Elisa, de já ter sido há muito falada para a eventualidade de ser indigitada para primeiro-ministro, não fez com que, ao longo do tempo então decorrido, pensasse nessa eventualidade, tanto mais que as tarefas que desempenhava na UNESCO não lhe permitiam tempos livres, embora não a impedissem, como acentuou, de pensar muito sobre a nossa sociedade, dando corpo às suas aspirações que, agora, poderão entrar no Programa do seu Governo, sempre com os limites do tempo que lhe está fixado e as adaptações inevitáveis ao período em que decorrerá a acção de tal Executivo.

Quanto às críticas entretanto surgidas após a sua indigitação pelo presidente da República, particularmente aquelas que surgiram na área da chamada «Aliança Democrática», Lurdes Pintasilgo declarou que Ramalho Eanes ao escolhê-la, naturalmente, pensou em alguém que se apresentasse com as qualidades de independência, isenção, rigor e honestidade intelectual, atributos que ela reclamou como seus, não temendo sequer pecar contra a modéstia que, habitualmente, como disse, pratica.

Relativamente ao seu «cur-

riculum» e as tarefas que bem desempenhado no país e no estrangeiro, Lurdes Pintasilgo disse que tudo quanto tem podido ser e todas as experiências da sua vida constituem uma ajuda espantosa para apostar no risco de pôr a render tudo isso na tarefa que agora lhe foi confiada.

● Católica «em todos os aspectos da sua vida»

Maria Elisa não perdeu a ocasião de se referir, como habitualmente acontece com Lurdes Pintasilgo, a sua qualidade de católica. A isso, Lurdes Pintasilgo respondeu que a sua condição de católica envolve todos os aspectos da sua vida e que, como tal, não alinha em qualquer «ismo», ao contrário do que pensa Angelo Correia e Basílio Horta, que, porventura a promovessem a uma corrente determinada, antes se sente empenhada pela Boa Nova do Evangelho que ultrapassa todas essas correntes. Por isso, não se reclama de melo-antunista, a não ser naquilo que, acaso, se atribua, em Portugal, ao melo-antunismo e que coincida com aquela perspectiva que se tem actualmente sobre os conflitos mundiais, que já não se situam ao nível das divisões ideológicas entre o Leste e o Oeste, mas sim e nível do Norte e Sul, ou seja, entre os que têm tudo e os que não têm nada, entre os países ricos e os países pobres.

A requisição de Maria Elisa, Lurdes Pintasilgo explicou rapidamente o que é o GRAAL, a que pertence desde há muito, e que definiu como movimento internacional cristão feminino, nascido na década de 20, na Holanda, e que, desde há muito, também em Portugal, tem contribuído para que as mulheres se assumam na sua independência, coerência e solidariedade, na base da liberdade e da autonomia, e que a ela, concretamente, lhe enfeudou e não se enfeudou, como agora alguns a acusam.

O facto de ser mulher não a levará, no cargo que lhe incumbiram, a pensar numa equi-

pe governativa feminina, além do mais porque sempre trabalhou com homens e entende que a realidade rica e complexa reside precisamente no facto de as duas metades da humanidade, a feminina e a masculina, embora diferentes, realizarem uma acção conjunta e complementar.

Quanto à sua capacidade de manobra com os partidos políticos, respondeu que, de momento, se sente perplexa, não só por não ser profissional da política, mas também por respeitar as forças partidárias enquanto intérpretes da vontade política organizada do povo português, não entendendo, contudo, muito bem como algumas dessas forças interpretam a vontade popular ao usarem de tanta rigidez, hostilidade e preconceitos consigo, atitude que não lhe parece típica do povo português, que é acolhedor e simpático relativamente ao desconhecido e ao estranho.

Noutra resposta a Maria Elisa, sobre a sua proximidade com o PS, Lurdes Pintasilgo declarou não ter vocação para fazer parte de partidos políticos, não sendo fácil pôr-lhe qualquer rótulo, admitindo-se mesmo como pessoa imprevisível, já que não tem ideias feitas de uma vez por todas. Declarou-se mesmo neutra em relação a partidos, embora não incolor e informe quanto àquilo que sabe ser e para onde quer ir.

Admitiu que as suas relações com a classe política, isto é, com as cúpulas dirigentes, serão as normais de um primeiro-ministro, sublinhando que não lhes dará o exclusivo, pois que estará permanentemente atenta e dialogante com os corpos intermédios e as bases, numa palavra, com a realidade do povo português tal como ele é.

A terminar a entrevista com Maria Elisa, Lurdes Pintasilgo defendeu-se da acusação, que considerou injusta, de ter feito na UNESCO uma intervenção no campo da política de informação que estaria em desa-



LURDES PINTASILGO

(Continuado da página anterior)

cordo com o que se passa em Portugal. Disse que tal intervenção não fora exclusivamente sua, mas dos respectivos governos portugueses à época vigentes (desde 1976) e que essa intervenção jamais foi estranha à liberdade de expressão, que não deve ser diminuída em caso algum pelo controlo ou vigilância dos poderes constituídos. Além disso reclamou para os países pobres e dependentes — no qual nos incluímos a nível informativo, já que dependemos das grandes agências de informação — a independência necessária. Defendeu ainda a necessidade da definição do estatuto dos profissionais da informação, dada a importância do seu papel na sociedade pós-industrial que considerou importantíssima, como importante será agora, no caso português e nas próximas eleições, o papel dos órgãos da comunicação social, tido por ela como tão importante ou mais do que o seu próprio papel de primeiro-ministro, quanto a rigor e exactidão sobre os factos, apesar da variedade de opiniões. Caberá aos órgãos de comunicação social, como sublinhou, abrir perspectivas e rasgar horizontes, no campo de uma informação objectiva, clara, rigorosa e nítida.

Terminou o diálogo com

Maria Elisa dizendo que ainda não tem senão ideias gerais quanto aos órgãos de informação estatizados e que espera a opinião dos seus colaboradores para, eventualmente, tomar medidas relativamente a tais órgãos.

● UNESCO lamenta perder a embaixadora de Portugal

O primeiro-ministro indigastado, Maria de Lurdes Pintasilgo, «possui o género de carisma que faz amigos ao ritmo de mil por minuto» — declarou um porta-voz da UNESCO.

A embaixadora de Portugal junto da UNESCO (organização educacional, científica e cultural da ONU), em Paris desde 1975, «tem sido muito considerada desde o momento em que chegou» — afirmou à Reuters Leon Davico.

«Ganhou rapidamente a reputação de ser embaixadora de primeira classe e participou em todos os géneros de discussões de mesa redonda» — prosseguiu aquele porta-voz, acrescentando que «o seu particular interesse era a nova ordem económica internacional» (esforços para ajustar o equilíbrio do poder económico entre os países industrializados e o Terceiro Mundo), e estava a organizar uma mesa-redonda sobre este tópico, em Lisboa, a realizar no Outono. «Ficámos extremamente satisfeitos por a ter na UNESCO e lamentamos perdê-la» — disse ainda o porta-voz da UNESCO.